

ALVES REDOL E O DOURO CORRESPONDÊNCIA PARA FRANCISCO TAVARES TELES

GASPAR MARTINS PEREIRA (ORG.)

COLABORAÇÃO DE:
ANTÓNIO MOTA REDOL
ANTÓNIO TAVARES TELES

Título: Alves Redol e o Douro. Correspondência para Francisco Tavares Teles

Organização e notas: Gaspar Martins Pereira

Textos introdutórios: António Mota Redol, António Tavares Teles e Gaspar Martins Pereira

Transcrição das cartas de Alves Redol: Maria Inês de Andrade e Castro Monjardino Nemésio (CITCEM)

Revisão: Gaspar Martins Pereira e Paula Montes Leal (CITCEM)

Fotografia da capa: *Francisco Tavares Teles e Alves Redol, na penedia da Serra de Marzagão, sobre a Valeira.*

Autoria desconhecida, Setembro de 1947. Col. António Mota Redol

Design gráfico: Helena Lobo Design www.hldesign.pt

Co-edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»

Direcção Regional da Cultura do Norte

Edições Afrontamento, Lda. / Rua Costa Cabral, 859 / 4200-225 Porto

www.edicoesafrontamento.pt | geral@edicoesafrontamento.pt

Colecção: Fontes, 6

N.º edição: 1545

ISBN: 978-972-36-1330-8 (Edições Afrontamento)

ISBN: 978-989-8351-24-1 (CITCEM)

ISBN: 978-989-98708-0-2 (DRCN)

Depósito legal: 363036/13

Impressão e acabamento: Rainho & Neves Lda. / Santa Maria da Feira

geral@rainhoeneves.pt

Distribuição: Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.

comercial@companhiadasartes.pt

Novembro de 2013

O DOURO DE REDOL

GASPAR MARTINS PEREIRA

A correspondência de Alves Redol para Francisco Tavares Teles

Há quase quarenta anos, Francisco Tavares Teles, destinatário das cartas que se publicam neste volume, escrevia um valioso testemunho sobre *Alves Redol no Douro*, em que concluía: «Se um dia se publicarem as cartas que possuo de Alves Redol, elas dirão, melhor do que eu, da sua história no Douro. E também contarão muito da própria história do escritor que, com tanto amor, sacrifício e coragem, foi cumprindo a missão a que se devotou em favor do povo português. Um povo que sempre se há-de mirar na sua obra, orgulhoso de se ver retratado com admiração e respeito por um autêntico Amigo»¹.

Na verdade, a correspondência trocada entre Alves Redol e Francisco Tavares Teles, ao longo de um quarto de século, ajuda a desvendar não só muitos aspectos da relação que o escritor ribatejano manteve com o Douro mas também alguns elementos essenciais para compreendermos a produção das suas obras sobre a região e, não menos importante, diversos passos do seu atribulado percurso de vida. A narrativa epistolar, muitas vezes prosaica e sem quaisquer pretensões literárias, como acontece com a de outros escritores, precisamente porque dirigida a um amigo e não a um público, vale por isso mesmo, pelo que pode acrescentar para a análise biográfica do escritor e da sua obra, numa perspectiva «de humanidade, de vivacidade intelectual e de livre originalidade»².

Este acervo epistolar, carinhosamente guardado por Francisco Tavares Teles e, depois da sua morte, pelo seu filho António, reúne setenta cartas e cinco bilhetes-postais, cujas datas se situam entre Março de 1945 e Setembro de 1969. Não podemos afirmar, com total certeza, que o acervo esteja completo ou que não se tenha perdido uma ou outra carta. Mas o cuidado com que Francisco Tavares Teles guardou esse «tesouro» epistolar, testemunhado por seu filho, autoriza a supor que se mantém integral. No seu conjunto, estas cartas revelam uma forte e duradoura amizade entre Redol e Teles, que se tornou cada vez mais fraternal³, com preocupações mútuas pelos problemas pessoais e familiares, e que perdurou até à morte precoce de Redol, em Novembro de 1969.

Como seria de esperar, a relação epistolar dos dois amigos é mais intensa no período inicial, correspondente ao período da produção dos romances durienses de Alves Redol –

¹ TELES, Francisco Tavares – *Alves Redol no Douro*. In MENDES, José Manuel (org.) – *Charrua em campo de pedras*. Lisboa: Seara Nova, 1975, p. 57. Esse texto de Francisco Tavares Teles é datado de Novembro de 1973.

² Veja-se, a este propósito, ROCHA, André – *A Epistolografia em Portugal*. 2.^a ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985, p. 24-25 e 34-35.

Porto Manso, que seria publicado em 1946, e os três romances do «Ciclo Port Wine», *Horizonte Cerrado*, *Os Homens e as Sombras* e *Vindima de Sangue*, editados, respectivamente, em 1949, 1951 e 1953. Desses nove anos, entre 1945 e 1953, contam-se 47 cartas, contra 28 escritas nos dezasseis anos seguintes.

Esta breve introdução não pretende realizar a análise dessa correspondência nem o estudo exaustivo da relação que Redol manteve com o Douro, um dos territórios de referência do escritor, não só pelos romances que lhe dedicou mas sobretudo pelos laços sentimentais que criou com a região, a que chegou a referir-se, numa das suas cartas, como «essa minha terra do Douro»⁴. E, já em 1947, considerava: «o Douro parece a minha segunda pátria e nela me vou reconhecendo quanto mais o seu contacto me toca»⁵. Para esse estudo, que bem merece ser feito, será necessário outro fôlego e uma documentação mais ampla, que abranja, além da análise dos seus romances durienses (incluindo o confronto das várias versões, por vezes profundamente alteradas pelos cortes impostos pela censura), outros acervos epistolares de Redol com amigos durienses ou que aí viveram, o espólio do escritor que guarda anotações e mesmo textos não publicados⁶, alguns textos dispersos por jornais e revistas, referências em obras de outros escritores, testemunhos de amigos⁷ e um já considerável manancial de estudos, incluindo dissertações de mestrado e de doutoramento apresentadas em Universidades portuguesas e estrangeiras⁸. Obviamente, tentar aqui um tal estudo, mesmo limitado à relação de Redol com o Douro, seria descabido senão impossível. Mas não queremos deixar de lançar esse desafio a jovens estu-

³ Veja-se, por exemplo, o tratamento fraternal que Redol dirige ao amigo na carta de 23 de Setembro de 1949: «O velho abraço para ti – aquele abraço de quem não esquece o carinho e a confiança que vens pondo sempre na minha actividade, mesmo quando eu me obstino em negá-la. / Um grande abraço de irmão, acredita». O sentimento era recíproco, como escreveria Francisco Tavares Teles numa das suas cartas (de 17.09.1961) para Manuel Mendes, referindo-se a Redol: «o amigo a quem estimo como um querido irmão». In *Manuel Mendes – Correspondência Seleccionada*. CDrom. Lisboa: Fundação Mário Soares, 2000.

⁴ Cf. carta de 20 de Julho de 1957.

⁵ REDOL, Alves – *Crónica do Douro*. «Vértice», vol. IV, n.º 51, Outubro de 1947, p. 397.

⁶ Sabe-se, por exemplo, que Redol começou a escrever uma peça de teatro dedicada à vida dos barqueiros do Douro. Cf. *Catálogo*. In SANTOS, David (org.) – *Alves Redol, Horizonte Revelado*. Lisboa: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira/Museu do Neo-Realismo/Assírio & Alvim, 2011, p. 132.

⁷ A começar pelos que estão publicados, em especial em: MENDES, José Manuel (org.) – *Charrua em campo de pedras*. Lisboa: Seara Nova, 1975; MARINHO, Maria José; REDOL, António Mota (org.) – *Alves Redol, Testemunhos dos seus Contemporâneos*. Lisboa: Caminho, 2001.

⁸ Veja-se a extensa bibliografia passiva publicada em SANTOS, David (org.) – *Alves Redol, Horizonte Revelado*. Lisboa: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira/Museu do Neo-Realismo/Assírio & Alvim, 2011, p. 320-347. Mesmo assim, haveria que juntar outras referências, a começar por alguns estudos de Literatura Comparada de Margarida Lieblich Losa (1943-1999), em especial a sua tese de doutoramento, *From realist novel to working-class romance: an introduction to the study of the brazilian, italian and portuguese new social realist novel, 1935-1955, in light of new critical theory on realism, fiction and reader response*, apresentada na Universidade de Nova Iorque, em 1988; ou, com enfoque no «Ciclo Port Wine», a tese de doutoramento em Literatura Portuguesa, *La crise viticole du «Alto Douro» (1907-1915). Entre réalité sociale et discours idéologique dans le cycle «Port-Wine» d'Alves Redol*, apresentada por Lucien Demba Diouf à Universidade de Montpellier 3, em 2010.

diosos da Literatura e da História, nesta breve apresentação do precioso feixe de cartas que o escritor dirigiu ao seu amigo do Pinhão.

Porto Manso e as primeiras cartas (1945-1946)

Alves Redol conheceu Francisco Tavares Teles em Setembro de 1943, quando esteve pela primeira vez no Douro. Nessa altura, o escritor pretendia reunir informações relacionadas com o trabalho na região duriense, para um livro que deveria integrar uma colecção sobre *O Trabalho em Portugal*, a lançar pela Editorial Inquérito⁹. Foi José Arnaldo Monteiro, editor da Régua¹⁰, quem guiou Redol nessa sua primeira estadia duriense, o levou ao Pinhão e o apresentou a Francisco Tavares Teles¹¹.

Com 31 anos, Alves Redol era já um escritor reconhecido e sê-lo-ia também no Douro, sobretudo nos meios intelectuais de Oposição ao regime. Além de colaboração dispersa na imprensa, em especial em *O Diabo* e *Sol Nascente*, tinha publicado diversas obras, desde *Glória, Uma Aldeia do Ribatejo* (1938), avançando, de forma pioneira, para uma estética neo-realista com o romance *Gaibéus* (1939), a que se seguiram *Marés* (1941), *Avieiros* (1942) e *Fanga* (1943)¹², entre outros.

Ligado ao grupo de jovens intelectuais comunistas, com crescente intervenção desde meados dos anos trinta na zona ribeirinha do Tejo a Norte de Lisboa, com um importante núcleo em Vila Franca de Xira¹³, onde vivera até finais de 1941, altura em que passou a residir em Lisboa, o seu projecto duriense terá sido, provavelmente, adiado pela militância que se intensificou desde 1943, com a participação nas actividades do Movimento de Unidade Nacional Anti-Fascista (MUNAF)¹⁴ e na mobilização dos meios operários daquela zona ribeirinha. Sabe-se que, na sequência do importante movimento grevista de Maio de 1944, Alves Redol foi preso pela polícia política, em 12 de Maio, dada a sua intimidade com Soeiro

⁹ Cf. notícia no jornal *A Tarde*, Porto, ano 1, n.º 45, 21.02.1945, p. 1 e 4, transcrita no final deste volume.

¹⁰ O jovem José Arnaldo Monteiro (?-1964) era um reguense oposicionista ao Estado Novo, com ligações ao Partido Comunista. Apaixonado pelas letras e pelos livros, formou em 1935 uma sociedade (Figueiredo, Correia & Monteiro, Lda.) com o médico João de Araújo Correia, que viria a destacar-se como escritor, e com outro amigo, Domingos Macedo de Figueiredo, para criar a Imprensa do Douro, na Régua (agradeço as informações prestadas, através do amigo comum José Braga-Amaral, pelo Senhor Manuel Joaquim, colaborador da Imprensa do Douro, durante cerca de quarenta anos). Desde 1943, tornou-se um dos grandes amigos durienses de Alves Redol, que foi seu padrinho de casamento com Maria Albertina Ferreira de Almeida. Agradeço a informação de Maria da Luz Monteiro de Almeida Magalhães, sobrinha de Maria Albertina Monteiro.

¹¹ TELES, Francisco Tavares – *Alves Redol no Douro*. In MENDES, José Manuel (org.) – *Charrua em campo de pedras*. Lisboa: Seara Nova, 1975, p. 49.

¹² Sobre a importância da obra de Redol no neo-realismo português, veja-se: FERREIRA, Ana Paula – *Alves Redol e o Neo-Realismo Português*. Lisboa: Caminho, 1992; VIÇOSO, Vítor – *A Narrativa no Movimento Neo-Realista. As Vozes Sociais e os Universos da Ficção*. Lisboa: Edições Colibri, 2011.

¹³ SILVA, Garcez da – *Alves Redol e o Grupo Neo-realista de Vila Franca*. Lisboa: Caminho, 1990.

¹⁴ PEREIRA, José Pacheco – *Álvaro Cunhal. Uma biografia política*. Vol. 2. Lisboa: Temas & Debates, 1999, p. 349; GODINHO, José Magalhães – *Alves Redol, Combatente pela Liberdade*. In MARINHO, Maria José; REDOL, António Mota (org.) – *Alves Redol, Testemunhos dos seus Contemporâneos*. Lisboa: Caminho, 2001, p. 103-104.

Pereira Gomes¹⁵, seu compadre¹⁶, um dos organizadores da greve, que passou, entretanto, à clandestinidade. Redol passou quase três na prisão, só sendo libertado em 5 de Agosto.

O apertar da vigilância policial poderá ter levado Redol a regressar ao seu projecto duriense, no início de 1945, instalando-se em Porto Manso, uma aldeia de barqueiros, no concelho de Baião, onde viviam familiares de Francisco Tavares Teles¹⁷, entre os quais José Barbosa de Oliveira, descendente de alguns dos mais famosos marinheiros da região. Um deles, António de Oliveira Dias, conhecido como «almirante do Rio Douro», foi arrais e compadre do barão de Forrester. E seria precisamente na casa que fora deste arrais – a Casa do Cabo –, e onde Forrester chegou a pernoitar entre as suas muitas andanças pelo rio, que se instalaria Alves Redol nessa sua primeira estadia duriense.

O projecto literário de Redol captou, rapidamente, a curiosidade da imprensa. O vanguardista vespertino portuense *A Tarde* descobriu-o e entrevistou-o, em finais de Fevereiro¹⁸. Três semanas depois, a *Vida Mundial Ilustrada*, sob o título «Alves Redol fez-se barqueiro para sentir melhor a vida dos durienses», reproduzia a notícia e destacava o método etnográfico do escritor: «Aqui há tempos, os amigos de Redol perguntaram: – Onde está o autor de ‘Avieiros’? Misteriosamente, sem dizer onde ia, Redol tinha saído de Lisboa, fora meter-se num ninho de barqueiros, desses que dia-a-dia percorrem as águas turvas do Douro. E foi um jornal do Porto – *A Tarde* – que revelou o mistério, numa entrevista com o festejado escritor. Encontraram-no a ajudar à descarga de 16 pipas de vinho tratado, transportadas num ‘rabelo’. Estava descalço, trazia a sua inseparável boina basca e vestia uma grossa camisola de lã... O jornalista, naturalmente, como os leitores, ficou admirado. Mas Alves Redol [*sic*] explicou e ninguém poderá deixar de compreender: – ‘Fiel ao meu método, vim instalar-me na região em que vivem, sofrem e lutam as minhas personagens’. Alves Redol [*sic*] não inventa: vive a vida da gente que se move nos seus romances. E, para isso, tem que sofrer as durezas da sua existência. Agora, que vai escrever um romance sobre a vida trágica dos barqueiros do Douro – lá anda ele na sua faina, rio abaixo, rio acima, do Porto a Porto-Manso. Foi ao Cachão da Baleira [*sic*], onde morreu o barão de Forrester,

¹⁵ FALCÃO, Miguel – *Espelho de ver por dentro – O percurso teatral de Alves Redol*. Dissertação de doutoramento em Estudos de Teatro. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2005, p. 115; REDOL, António Mota – *A história do ceifeiro rebelde. Uma biografia de Alves Redol*. In SANTOS, David (org.) – *Alves Redol, Horizonte Revelado*. Lisboa: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira/Museu do Neo-Realismo/Assirio & Alvim, 2011, p. 265.

¹⁶ Era padrinho do filho de Alves Redol, António Mota Redol.

¹⁷ Porto Manso era a terra da mãe de Francisco Tavares Teles, Irene da Glória de Oliveira Tavares. Informação de António Tavares Teles.

¹⁸ *O humano romancista da Fanga, barqueiro entre barqueiros, foi instalar-se em Porto-Manso, aquém-Baião, onde prepara um livro sobre a trágica vida dos mareantes do Douro*. «A Tarde», Porto, ano 1, n.º 45, 21.02.1945, p. 1 e 4. Cf. transcrição integral da notícia no final deste volume. O jornal *A Tarde*, lançado pela empresa do *Jornal de Notícias*, acolheu a colaboração de importantes personalidades das artes e das letras da Oposição, como Júlio Pomar (que coordenou a página de *Arte* do vespertino, entre Junho e Outubro), Fernando Lanhas, Pedro Oom, Marcelino Vespereira e outros. O jornal *A Tarde* publicou-se apenas entre Janeiro e Outubro de 1945.

guarda apontamentos, incarna aqueles tipos bíblicos e aguarda o momento de escrever a sua epopeia do trabalho humilde dos barqueiros...»¹⁹.

Data desta altura o estreitar das relações de amizade entre Redol e Tavares Teles. Francisco tinha então 28 anos e, no microcosmos do Pinhão, onde trabalhava num estabelecimento comercial de mercearia²⁰, destacava-se pelos seus interesses culturais, em especial no campo da literatura. Começara, de resto, a sua vida profissional na Imprensa do Douro, na Régua. Em 1943, no décimo aniversário da criação da freguesia do Pinhão, abalançou-se a editar um jornal²¹. Colaborava também no semanário *Notícias do Douro*²², da Régua, e cultivava contactos e amizades com escritores e gente ligada às artes e às letras. Aos seus amigos do Pinhão Tavares Teles aconselhava leituras. Admirador de Camilo e dos clássicos da literatura portuguesa, não deixava de se interessar pelos novos escritores (sobretudo neo-realistas) que iam aparecendo. Lia-os e divulgava-os. Deixou uma biblioteca com três ou quatro milhares de livros²³, certamente única no Pinhão e redondezas.

As duas primeiras cartas do espólio epistolar aqui publicado são, precisamente, de 2 e 8 de Março de 1945, ambas remetidas de Porto Manso. Apesar do tratamento cerimonioso²⁴, essas cartas revelam já uma intensa relação entre os dois amigos. Além do fornecimento de géneros a crédito para a estadia de Redol em Porto Manso, Tavares Teles confiara-lhe livros de escritores da região, nomeadamente do seu primo Monteiro Ramalho (pelo menos, *Histórias da Montanha e D. Tarouco*) e de João de Araújo Correia, bem como o número único do jornal *O Pinhão*, que atrás referimos, destacando um artigo sobre os barcos rabelos²⁵. Os contactos fornecidos por Tavares Teles e as informações sobre o rio, a região e a navegação nos rabelos terão sido essenciais para Alves Redol. Na sua segunda carta, a 8 de Março, antes de partir para o Porto, Redol agradecia ao amigo «todas as gentilezas, atenções e favores», escrevendo: «Fico a dever-lhe uma boa parte do êxito da minha recolha. Não o esquecerei»²⁶.

Por essa altura, Redol terminara já a sua estadia no Douro e a pesquisa fundamental para escrever o seu novo livro, *Porto Manso*. O romance dos barqueiros do Douro deve ter sido escrito entre o Verão de 1945 e os primeiros meses de 1946, num período agitado da

¹⁹ *Vida Mundial Ilustrada*, 15.03.1945.

²⁰ Segundo seu filho, António Tavares Teles, teria sido por esta altura que Francisco Tavares Teles criou o seu próprio armazém de géneros e mercearia no Pinhão, em sociedade com seu irmão José Tavares Teles, sob a firma «Tavares Teles & Irmão».

²¹ *O Pinhão: jornal comemorativo do 10.º aniversário da fundação da freguesia do Pinhão*, cujo director e editor literário foi Francisco Tavares Teles. Foi publicado apenas um número, em Julho de 1943, na Imprensa do Douro, da Régua.

²² O semanário *Notícias do Douro*, ainda existente, foi lançado em 14 de Junho de 1934 pelos irmãos Camilo Bernardes Pereira e Mário Bernardes Pereira, assumindo este o cargo de director. Informação disponível *on-line*: <<http://www.dodouro.com/jornal/historia.asp>>. Consulta realizada em 25.02.2013.

²³ Informação de seu filho Manuel Tavares Teles.

²⁴ Só a partir de Novembro de 1947, Alves Redol passaria a tratar o amigo por tu. Na carta enviada a Tavares Teles, datada de 26 de Novembro desse ano, justifica essa alteração de tratamento: «já é bem tempo de acabarmos com cerimónias».

²⁵ Cf. carta de 2 de Março de 1945.

²⁶ Cf. carta de 8 de Março de 1945.

vida de Redol, marcado pela intensificação das suas actividades políticas. Em Maio de 1945, na carta que escreveu a Tavares Teles, justificava o seu silêncio junto dos amigos do Douro (além de Teles, refere-se a José Arnaldo Monteiro e a José Barbosa de Oliveira) e o atraso da correspondência com a «vida absorvente de quem estuda, lê e escreve», informando que ainda não tinha começado «a escrever o romance dos barqueiros», mas estava a «estudar-lhe os pormenores da efabulação e da técnica a empregar». Tencionava ainda ir ao Douro, nesse Verão, para se documentar mais, pedindo ao amigo para o informar sobre quando se realizaria a apanha do milho, com as «descamisadas» e os «bailaricos», em Porto Manso, a que pretendia assistir²⁷.

Não sabemos se Redol chegou a cumprir o seu desejo. Com o fim da Segunda Guerra Mundial e a vitória dos Aliados sobre a Alemanha nazi e os regimes totalitários da Europa, sucederam-se, no início de Maio, grandes manifestações de júbilo e o recrudescer das actividades dos diversos sectores da Oposição, que acalentavam a expectativa de que o isolamento internacional das ditaduras ibéricas contribuísse para a sua queda. Nesse ano, Redol envolveu-se na criação e nas actividades políticas do Movimento de Unidade Democrática. Porém, se a Oposição chegou a preparar-se para disputar «eleições livres», anunciadas por Salazar para 18 de Novembro, em breve viria a perceber que se tratava de uma farsa eleitoral com que o ditador pretendia legitimar o seu poder. Não tendo sido aceites as condições apresentadas para concorrer, em condições de igualdade com o partido do regime, a essas eleições, nomeadamente o seu adiamento por seis meses, a elaboração de novos cadernos de recenseamento, a garantia de liberdade de imprensa e de formação de novos partidos políticos, o MUD acabaria por apelar à abstenção do acto eleitoral. Desde o início de Novembro, Redol integrou, embora por pouco tempo, a Comissão Central do MUD, com Manuel Mendes, Bento de Jesus Caraça, Teófilo Carvalho dos Santos e outros²⁸. Porém, era avesso ao exercício de qualquer cargo político. Por essa altura, terá confessado ao seu companheiro Alexandre Babo: «Acredita que é o maior, o grande sacrifício que faço na vida. Não sou dirigente político nem quero ser. Mas é uma obrigação que pesa sobre todos nós termos que ser tudo o que não queremos»²⁹.

Por outras razões, certamente ligadas à apertada vigilância da polícia política de que Redol se sabia alvo, a sua correspondência para Tavares Teles quase nunca refere, a não ser em termos vagos, assuntos políticos. O que não quer dizer que, aqui e ali, não revelem uma total aversão ao regime salazarista. Por exemplo, numa das suas cartas, Redol desabafava: «Decididamente os portugueses estão só interessados por três paixões: os três FFF – Fátima, Fado e Futebol. Não se emociona nem exulta com o prémio Nobel para o sábio Egas Moniz, nem acarinha os seus artistas nem os seus escritores. Que mais será preciso

²⁷ Cf. carta de 22 de Maio de 1945.

²⁸ PEREIRA, José Pacheco – *Álvaro Cunhal. Uma Biografia Política*. Vol. 2. Lisboa: Temas & Debates, 1999, p. 587-589.

²⁹ BABO, Alexandre – *Recordações de um Caminheiro*. Lisboa: Escritor, 1993, p. 277.

para se verificar que falhou desastrosamente aquilo a que se tem chamado "a política de espírito"»³⁰. Mas são quase sempre referências veladas. De resto, os opositores ao regime, face à vigilância omnipresente de informadores e agentes da polícia política, tinham desenvolvido uma capacidade de contenção da opinião escrita. Certamente, outras seriam as conversas privadas, no recanto da lareira no Pinhão, nas reuniões em casa de José Arnaldo, na Régua, ou nas andanças pela região, onde, a recato dos esbirros do regime, poderiam fluir ideias e informações de cunho político. Mas as cartas de Redol para Tavares Teles abordam, geralmente, os problemas pessoais e familiares, dúvidas e atribulações, notícias dos amigos, o ponto da situação relativamente aos projectos literários, pedidos de informações para pormenores dos romances, livros enviados como oferta ou para serem vendidos. Só raramente referem a «foice» da censura ou outros aspectos da política repressiva do regime e, como seria de esperar, silenciam totalmente actividades da Oposição.

Em 1946, passada a fase de maior envolvimento no MUD, Alves Redol concluiu *Porto Manso*, que publicaria em meados desse ano³¹, retomando então o *Cancioneiro do Ribatejo*, que viria a publicar em 1950, e outros projectos. Na carta que escreveu ao amigo, em Setembro, antes de partir para França e Itália, refere-se ainda ao trabalho esgotante da adaptação ao cinema de *Porto Manso*, que acabaria por não se concretizar. Nos meses seguintes, Redol viveu em Paris, num modesto hotel do Quartier Latin, multiplicando-se em contactos para recolher informações para um novo livro, *A França – da Resistência à Renascença*.

Os romances do «Ciclo Port Wine» (1947-1953)

No Verão de 1947, Redol já deveria ter bastante avançada a escrita do livro *A França*, que viria a publicar em fascículos. Em Agosto, anunciava a Tavares Teles a sua intenção de passar uma temporada no Pinhão, para começar a preparar o seu novo romance sobre o Douro: «É desta vez que me disponho a fazer o romance do seu Alto Douro. Tenho aí no Pinhão uma pensão ou taberna onde se arranje uma tarimba e umas sopas?»³². No início de Setembro, já estava instalado na Pensão Douro, iniciando as suas pesquisas. Durante cerca de uma semana, compilou elementos, deslocando-se à Régua, Lamego, Valença, S. Salvador do Mundo e outros locais. Por essa altura, Francisco Tavares Teles pediu-lhe uma entrevista para a revista do Clube Transmontano de Angola, com a qual colaborava. De regresso a Lisboa, Redol enviou-lhe as respostas manuscritas. Entre outros aspectos, essa entrevista permite perceber os projectos literários que o escritor tencionava desenvolver no

³⁰ Carta de 3 de Abril de 1950. A «política do espírito» era a expressão utilizada por António Ferro, responsável pela propaganda da ditadura salazarista, para designar a política cultural desse regime. Veja-se, por exemplo, FERRO, António – *Dez Anos de Política do Espírito, 1933-1943*. Lisboa: Secretariado da Propaganda Nacional, 1943.

³¹ Em 28 de Agosto de 1946, Francisco Tavares Teles escreveu a Redol, agradecendo o livro, depois de o ler e rereer: «Aqui vai o meu grande abraço de felicitações pelo *Porto Manso*. Vai retardado, porque a minha primeira leitura foi feita com tal sofrimento, fiquei com uma ideia tão fragmentada do que havia lido, que voltei ao princípio para rereer com mais serenidade».

³² Cf. carta de 15 de Agosto de 1947.

Douro, depois da publicação de *Porto Manso*: «Talvez dois romances, um grande documentário – *O Douro – vida de um rio* – e possivelmente um *Cancioneiro Popular*». Infelizmente, Alves Redol nunca realizou as duas últimas obras referidas, se bem que tenha chegado a elaborar um guião, que fez distribuir entre os seus amigos durienses, para a recolha do *Cancioneiro Popular do Douro*³³. Quanto aos romances, Redol refere que ainda não os tinha começado, que estava na fase de «recolha de material» e só depois poderia definir «a efabulação do romance ou dos romances». Mas tinha já decidido situá-los no Alto Douro (designação que identificava com a sub-região do Cima Corgo), mais precisamente «à volta do Pinhão, num limite que vai de Ervedosa a Valença». Pretendia abordar a vida dos durienses, ou melhor, dos diversos grupos sociais, centrando-se nos problemas dos pequenos viticultores: «Tentarei dar os [aspectos] mais vivos da região. No centro, os pequenos proprietários com os seus problemas; por debaixo os saibradores, cavadores, gente das rogas, homens dos rabelos também, lagareiros, etc.; acima os grandes proprietários, com caseiros e feitores, os comerciantes, os comissários, os "ingleses", os especuladores, a Casa do Douro, etc., etc. É um mundo, como sabe. Pôr toda esta gente a viver só um ciclo de romances chegaria».

Nessa entrevista, revela-se ainda a posição do escritor relativamente aos problemas sociais do Douro e à solução que preconizava para os resolver: a criação de um «organismo colectivo que defenda os pequenos proprietários da agiotagem, concedendo-lhes créditos e colocando directamente os seus produtos nos mercados consumidores». A ideia era lançada como exortação, da mesma forma que a deveria expor nos seus encontros na Régua e no Pinhão: «Criem-se lagares em cooperativa ou mobilizem-se os que já existem, conceda-se-lhes um longo crédito de base para que os seus vinhos sejam beneficiados, armazenados e vendidos por conta própria, não só para criar uma agricultura próspera, mas para salvar dos cardenhos, da subalimentação, e da morte precipitada, os saibradores e os cavadores, as vindimadeiras e os lagareiros do Douro, todos aqueles que fizeram, através [de] gerações, de uma região fragosa e inóspita uma das mais ricas províncias de Portugal». Era a solução das adegas cooperativas, que viria a recolocar, pela voz do médico Pimenta, nos romances do «Ciclo Port Wine» e que acabaria por se concretizar na região, a partir do início dos anos cinquenta. Nessa entrevista, Redol apontava ainda a publicação do seu novo livro sobre o Douro para finais de 1948, se tudo corresse bem³⁴.

Nas diversas cartas enviadas a Tavares Teles, desde Setembro de 1947, Redol ia dando notícias sobre o andamento do seu romance. Por vezes, pedia informações sobre este ou

³³ Breve nota para o recolhedor do *Cancioneiro Popular do Douro*. Pelo interesse deste documento, considerámos pertinente publicá-lo no final deste volume.

³⁴ Entrevista anexa à carta de 14 de Setembro de 1947.

³⁵ Alves Redol dedicaria o romance *Horizonte Cerrado*, primeiro volume do «Ciclo Port Wine», aos Durienses e, em particular, a José Arnaldo Monteiro e Francisco Tavares Teles. Muitas cartas de Alves Redol para Francisco Tavares Teles deixam perceber a importância deste último como informador privilegiado, com quem discutia os romances ou parte deles, antes de fixar a versão final.

aquele aspecto ou sobre trabalhos da vinha e situações a que valesse a pena assistir³⁵. Sempre que podia, regressava ao Douro. De início, apesar de dedicar várias horas de trabalho diário ao material recolhido e ao «mundo de personagens e de factos» para alinhar a trama do romance, o escritor sentia que a tarefa que tinha em mãos era monumental. Em Novembro, confidenciava ao amigo não ter começado ainda a escrever o livro: «Ainda não comecei a escrever o primeiro volume do Douro, o que não admira, porque se a região para dar um cacho de uvas precisa do saibramento e depois essas mil e uma canseiras que o trabalhador aguenta, é natural que um romance do país do vinho se assemelhe em tratos e fadigas. / Estou a saibrar – calcule! / É uma trabalhadeira pasmosa, fatigante... Todos os dias lhe dou quatro horas de atenção e ainda pouco sei. Só um propósito me dá alentos – o de fazer um romance que seja entre os meus livros o que o Douro é entre os vinhos: um romance "generoso". / Logo que haja alguma coisa para ser vista, diga-me, por favor. Conto aí aparecer ainda este mês, mas não sei exactamente quando. Os "cobres" andam curtos e as despesas aumentam, apesar do nosso ministro das faturas nos encher com palavras»³⁶.

Entretanto, Redol publicara na revista *Vértice* uma crónica sobre o Douro, queixando-se a Tavares Teles da «foice» da censura³⁷. Nessa crónica, Redol destaca as sensações perante a paisagem humanizada. Entre o Ribatejo e o Douro, a comparação faz ressaltar a marca do trabalho inscrita na paisagem: «Já os olhos não acham curtas as distâncias dos limites, porque cada monte é um santuário de trabalho humano»³⁸. E realça o contraste entre a natureza hostil, sentida na penedia do Ermo, em S. Salvador do Mundo, e a «realização humana» que transformou os montes em socalcos de vinha, como na panorâmica que descreve do Alto das Monteiras: «A paisagem desenrola-se como num filme em que o espectador se movesse, e até ao alto, onde se acoitam javalis, sempre em perigos e vertigens, o país do vinho ali se oferece, tão exuberante de formas como franco de hospitalidade. E os olhos ficam tontos de tanta luz, de tão vasto horizonte e de tamanho poder de realização humana. Porque ali nada escapou à mão deste bicho insatisfeito que veio das cavernas, já tocou no céu, foi ao fundo dos mares e há-de chegar ao fundo de si mesmo para fazer uma vida que mereça ser vivida»³⁹.

Só em Janeiro de 1948, «vencida a incerteza perante as proporções da obra», Redol iniciaria a escrita do primeiro volume do *Port Wine*. Nessa altura, pensava escrever quatro volumes, pedindo a opinião de Tavares Teles sobre os títulos que tencionava dar-lhes: *Esganados*, *Sangue dos homens* ou *Horizonte fechado*, *Estrela a Estrela* e *Raízes na terra*⁴⁰.

Porém, logo a seguir, novas contrariedades na vida de Alves Redol obrigaram-no a suspender o trabalho do *Port Wine*. As relações com a Editorial Inquérito, que publicava os

³⁶ Carta de 6 de Novembro de 1947.

³⁷ Carta de 26 de Novembro de 1947.

³⁸ REDOL, Alves – *Crónica do Douro*. «Vértice», vol. IV, n.º 51, Outubro de 1947, p. 397.

³⁹ Idem, p. 399.

⁴⁰ Carta de 27 de Janeiro de 1948.

seus livros desde 1944, degradaram-se até ao ponto de ruptura e Redol teve de assumir funções de editor, à frente da ARS – Editorial, para prosseguir a publicação de novos fascículos de *A França*. Mesmo assim, não deixaria de se deslocar ao Douro, pouco depois, para assistir às cavas⁴¹. E, em Julho, apesar do imenso trabalho na ARS, estava já a rever o primeiro volume do «Ciclo Port Wine», com o título *Horizonte Fechado*, esperando apenas «uma aberta» no trabalho editorial «para subir ao Douro» e ler o texto aos amigos⁴². No início do mês seguinte, a braços com a edição da peça de teatro *A Forja*, procedeu a uma nova revisão do *Horizonte Fechado*⁴³, antes de participar no importante Congresso Internacional de Intelectuais para a Paz, que decorreu em Wroclaw, na Polónia, entre 25 e 28 de Agosto⁴⁴. Não sabemos se Redol chegou a ir às vindimas do Douro, nesse ano, como planeava, mas, em inícios de Outubro, entregou o primeiro volume do «Ciclo Port Wine» à censura⁴⁵. Em Dezembro, o livro, já com o título *Horizonte Cerrado*, estava na tipografia, ficando pronto em Janeiro ou Fevereiro do ano seguinte, em edição normal e também em edição «de luxo», esta com uma pequena tiragem de cem exemplares autografados, em papel especial, com desenhos de Júlio Pomar⁴⁶.

Redol ainda tentou começar, por essa altura, a escrita do segundo volume, intitulado *Terra Mártir* na versão inicial. Porém, outros afazeres impediram-no de prosseguir. Em finais de Abril de 1949, agradecia a Tavares Teles as informações sobre as movimentações populares que agitaram o Douro em 1915 e desabafava: «Ainda não voltei a pegar na *Terra Mártir*, porque a vida não me deixa lugar para as coisas que me dão real prazer. Vamos ver quando será possível»⁴⁷. Nas cartas seguintes, de Maio, sucedem-se os agradecimentos de Redol por novas informações sobre os acontecimentos de 1915. Tavares Teles conseguira, entretanto, uma «colectânea de artigos e notícias do Alto Douro», que lhe fora cedida por um amigo e que viria a ser muito útil para a preparação dos últimos volumes do «Ciclo Port Wine». Na mesma carta, Redol refere-se a outra documentação que estaria a ser recolhida por José Arnaldo Monteiro⁴⁸. No entanto, outros afazeres e problemas pessoais do escritor impediam-no de avançar ao ritmo que desejava. Separara-se, entretanto, de sua mulher, com um consequente maior afastamento de seu filho António, então com cinco anos, que ficara a viver com a mãe. Teve de encontrar um quarto para recomeçar a vida, agora com uma nova companheira,

⁴¹ Carta de 29 de Março de 1948.

⁴² Carta de 7 de Julho de 1948.

⁴³ Carta de 3 de Agosto de 1948.

⁴⁴ Cf. REDOL, António Mota – *A história do ceifeiro rebelde. Uma biografia de Alves Redol*. In SANTOS, David (org.) – *Alves Redol, Horizonte Revelado*. Lisboa: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira/Museu do Neo-Realismo/Assírio & Alvim, 2011, p. 274-275.

⁴⁵ Carta de 11 de Outubro de 1948.

⁴⁶ Cartas de 13 de Dezembro de 1948 e 26 de Fevereiro de 1949.

⁴⁷ Carta de 28 de Abril de 1949.

⁴⁸ Carta de 23 de Maio de 1949.

Natália Cruz, a «mulher da sua vida»⁴⁹. Além disso, passou a dedicar mais tempo à empresa familiar de materiais de construção, Redol & C.^a, de que era sócio, com idas e vindas diárias entre Lisboa e Vila Franca. Sentia-se cansado, numa das suas fases de desânimo, sem forças para prosseguir o seu projecto literário. Chegou a confessar a Tavares Teles: «O segundo volume do ciclo continua na mesma – e se não tivesse escrito o primeiro deixaria o encargo para outros. A empreitada é difícil e sem estímulos torna-se penosa. É que isto de fazer literatura a pensar em pagamentos de renda de quarto e de comida é tarefa superior a um cérebro já cansado e que não pode achar repouso. / Mas desta crise que atravesso algo tem de resultar. E depois se verá o quê»⁵⁰. E, na carta seguinte, o tom era o mesmo. Redol referia ter centenas de páginas escritas, que precisavam de ser refundidas na sua maior parte, mas as «preocupações económicas» retiravam-lhe as energias para o fazer: «O 2.º volume do ciclo está em "cristalina". Esboçado nas suas linhas gerais, com cerca de quatrocentas páginas escritas, tem necessidade de ser refundido na sua maior parte. A tarefa é a mais pesada de quantas me tenho proposto realizar – e as condições piores do que nunca. Contudo, não publicarei nada mais, sem que o ciclo do Alto Douro seja, dentro das minhas débeis possibilidades, o melhor que eu possa produzir. Não para glória minha que a não ambiciono, mas por gratidão e homenagem a essa terra heróica. / A minha angústia é maior quando penso, ou melhor, quando julgo possível fazê-lo a uma altura, embora modesta, e encontro os obstáculos das preocupações económicas a arrancarem-me as melhores horas e as mais vivas energias deste cérebro já um pouco fatigado»⁵¹. A humildade sincera que revelava, uma das características que os amigos lhe reconheciam, era, porém, contrariada por uma não menor «teimosia obstinada»⁵². Não desistiria, por isso, da sua tentativa de criar com o «Ciclo Port Wine» um monumento literário à epopeia dos durienses⁵³. Acreditava que viriam melhores dias para prosseguir a escrita do romance: «Mas os limites da minha capacidade de trabalho hão-de alargar-se, por força. E ou o ciclo Port-Wine será o melhor produto do meu labor, até ao momento da sua publicação, ou se quebrará a pena modesta, mas honrada, de um escriba português do século XX»⁵⁴.

⁴⁹ Natália Cruz, funcionária do Grémio dos Armazenistas e Exportadores de Azeite, seria a companheira de Redol durante cerca de quinze anos, até 1963. Segundo António Mota Redol, filho do escritor, o relacionamento já durava há alguns anos. Natália terá sido para Redol «a mulher da sua vida, talvez a Gracinda dos romances sobre o Douro». Cf. REDOL, António Mota – *A história do ceifeiro rebelde. Uma biografia de Alves Redol*. In SANTOS, David (org.) – *Alves Redol, Horizonte Revelado*. Lisboa: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira/Museu do Neo-Realismo/Assírio & Alvim, 2011, p. 303.

⁵⁰ Carta de 19 de Agosto de 1949.

⁵¹ Carta de 23 de Setembro de 1949.

⁵² Cf., por exemplo, CABRAL, Alexandre – *Lembrar de novo (e sempre!) Alves Redol*. In MARINHO, Maria José; REDOL, António Mota (org.) – *Alves Redol, Testemunhos dos seus Contemporâneos*. Lisboa: Caminho, 2001, p. 36.

⁵³ Como escrevera na dedicatória («Aos Durienses») do romance *Horizonte Cerrado*: «Sonhei erguer, com este ciclo de romances, um monumento à vossa epopeia, soberana entre as demais que o homem empreendeu. Ao concebê-lo, porém, esquecera-me de que vocês já o haviam construído na terra conquistada à fraga das montanhas e que as minhas limitações de escritor eram bem precário material para a realização de um sonho tão grandioso. Que este ciclo fique pois, e somente, como um voto de gratidão pelo orgulho que me deram de pertencermos ao mesmo povo».

⁵⁴ Carta de 23 de Setembro de 1949.

Menos de três meses depois, em Dezembro de 1949, o escritor dava por concluído o segundo volume do «Ciclo Port Wine», mas hesitava em publicá-lo de imediato, dado que a venda de livros estava «quase completamente represada»: «É provável que me lance à tarefa do terceiro volume, aguardando para a edição de *Terra Mártir* melhores dias ou melhor oportunidade financeira da minha parte»⁵⁵. Por essa altura, o livro tinha já sido entregue para avaliação na Direcção dos Serviços da Censura, que o sujeitaria a inúmeros «cortes»⁵⁶. No início de Fevereiro do ano seguinte, Redol aguardava, de novo, a opinião da censura sobre o original revisto⁵⁷, tencionando iniciar a edição apenas em Setembro, «salvo qualquer milagre inesperado»⁵⁸. Mas, mais uma vez, os afazeres profissionais na sociedade comercial de materiais de construção, que o obrigavam a deslocar-se diárias entre Lisboa e Vila Franca de Xira, e as vicissitudes da vida familiar dificultavam a sua actividade literária. No Verão desse ano, queixava-se a Tavares Teles, com um misto de amargura e ironia: «Vou agora diariamente a Vila Franca tratar dos meus assuntos comerciais e deves calcular com que disposição o faço. Abalo de Lisboa cerca das 9 horas (levanto-me às 7) e chego aqui cerca das 19 horas. Depois é comer e repousar para não ir mais abaixo de saúde. / A literatura, coitada, é que exulta com este meu afastamento, pois já não podia mais com os meus atropelos à sua dignidade»⁵⁹.

Entretanto, empenhara-se na ajuda à família do escritor Evaristo Monteiro Ramalho, que falecera em 30 de Janeiro desse ano em Porto de Rei, onde vivera, praticamente na miséria, os seus últimos anos, deixando a viúva e a filha numa situação crítica. Em colaboração com Tavares Teles, primo da viúva de Monteiro Ramalho, Redol iria procurar vender algumas das melhores obras da biblioteca do escritor de Barqueiros, oferecendo-se para encontrar compradores em França de primeiras edições de obras de Zola, Balzac, Flaubert, Michelet e Taine. Depois do insucesso dessa diligência, Redol organizou um leilão na Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa, mobilizando a colaboração de muitos amigos escritores, artistas plásticos e actores e actrizes do teatro, cinema e rádio, para uma venda mais alargada, que incluiu também uma exposição de obras do escritor duriense, bem como do grupo a que ele e o irmão tinham pertencido na juventude – o *grupo do Leão* –, destacando-se o quadro de Columbano, e sessões de autógrafos de diversos escritores, revertendo uma percentagem para a família de Monteiro Ramalho, que ascendeu a alguns contos de réis e melhorou a precária situação das primas de Tavares Teles⁶⁰.

⁵⁵ Carta de 31 de Dezembro de 1949.

⁵⁶ Cf. REDOL, António Mota – *A história do ceifeiro rebelde. Uma biografia de Alves Redol*. In SANTOS, David (org.) – *Alves Redol, Horizonte Revelado*. Lisboa: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira/Museu do Neo-Realismo/Assírio & Alvim, 2011, p. 137 e 277.

⁵⁷ Cf. *on-line*: <<http://ephemerajpp.com/2011/12/04/censura-relatorio-no-4278-25-de-janeiro-de-1950-relativo-a-terra-martir-de-alves-redol/>>. Consulta realizada em 04.02.2013.

⁵⁸ Cartas de 26 de Fevereiro e 15 de Março de 1950.

⁵⁹ Carta de 17 de Julho de 1950.

⁶⁰ Cartas entre 19 de Agosto de 1949 e 17 de Julho de 1950. A exposição/leilão na Sociedade Nacional de Belas Artes decorreu a 30 de Março de 1950, tendo contado com a colaboração dos escritores Ferreira de Castro, Assis Esperança, Loureiro

Pouco depois, o reconhecimento público da obra de Redol atingiu uma expressão até certo ponto inesperada com a atribuição do Prémio Ricardo Malheiros, da Academia das Ciências de Lisboa, ao romance *Horizonte Cerrado*. Era a consagração não apenas do escritor mas também do movimento neo-realista, como referiu Mário Dionísio na revista *Vértice*: «Com eles [escritores neo-realistas] é o povo português, são os próprios problemas nacionais que passam a ser o assunto fundamental do nosso romance. / É bastante justo, enfim, que a primeira consagração oficial do grande movimento literário em questão se tenha efectuado na obra do autor de *Gaibéus*, de *Avieiros*, de *Porto Manso*, de *Horizonte Cerrado*»⁶¹.

O segundo volume do «Ciclo Port Wine» só sairia no final de Abril de 1951, depois de muitas alterações. Em Janeiro, Redol revelava a Tavares Teles que considerava o romance pronto para publicação, tendo, entretanto, substituído o título inicial por *Os Homens e as Sombras*: «Entretanto cá prossigo, vencendo os inimigos exteriores e mais este que mora dentro de mim, dizendo-te que "heroicamente" refiz por duas vezes *Terra Mártir* e só agora o considero um romance digno do meu propósito: o de dar ao ciclo o meu melhor trabalho. Alterei quase tudo, para não dizer tudo, e modifiquei-lhe o título que será agora *Os Homens e as Sombras*, reservando o outro, o primitivo, para o 3.º volume. A publicação deve ainda demorar, porque não me abunda o dinheiro e não procuro editor»⁶².

Nessa mesma carta, prometia iniciar o último volume, quando os seus afazeres comerciais de Vila Franca o permitissem: «Logo que Vila Franca me permita, irei começar o 3.º volume do ciclo para depois, talvez, me entregar a um repouso muito longo. Cada dia que passa menos apetece escrever e parece-me que vou fazer a vontade a esta gente; mas antes de acabar o ciclo não arrumo a caneta. Já agora meto-me em brios neste país sem brios»⁶³.

Continuaria a trabalhar no «Ciclo Port Wine», com o estudo e a recolha de materiais sobre o período conturbado da história do Douro de 1914 e 1915, desde a leitura de jornais da época, actas das sessões da Câmara dos Deputados e do Senado, memórias de políticos e diplomatas, etc. A este propósito, vale a pena destacar a carta de 24 de Maio de 1951 para Tavares Teles: «Avalias, com certeza, o que tem sido o trabalho deste ciclo, que prometi a vocês dois, e a mim próprio, constituir o melhor da minha obra. O encadeamento dos aspectos mais diversos – os afectivos, os documentais, os económico-políticos e sociais, os psicológicos –; tudo isto uma enxurrada de problemas que não posso largar ao deus-dará, tudo pesado, medido e ponderado em vários ângulos, enfeitando, muitas vezes, páginas e páginas que me traíram o conjunto, como neste *Os Homens e as Sombras* que foi

Botas, Armino Rodrigues, Maria Lamas, Romeu Correia, Cardoso Pires, José Gomes Ferreira, Gaspar Simões, Paço d'Arcos, etc., e de actrizes como Laura Alves, Simone Monteiro, Leónia Mendes, Madalena Sotto, Julieta Castelo, Josefina Silva, Lucia Mariani e outras.

⁶¹ DIONÍSIO, Mário – *Alves Redol, Prémio Ricardo Malheiros*. «Vértice». Vol X, n.º 84. Coimbra, Agosto de 1950.

⁶² Carta de 1 de Janeiro de 1951.

⁶³ Idem, *ibidem*.

escrito três vezes. O material vastíssimo que tenho reunido e feito fichas daria, só por si, vários volumes». Nessa mesma carta, revelava ter já escrito cerca de um sexto do «primeiro rascunho», hesitando ainda quanto ao título a dar-lhe, *Terra Mártir* ou *Vindima de Sangue*. E pedia ao amigo para lhe arranjar um local para dormir e comer em Valdigem ou Cambres, onde tencionava passar alguns dias «para colher os últimos elementos» que lhe faltavam para esse volume⁶⁴. Nesse ano e no seguinte, Redol deslocou-se algumas vezes ao Douro, continuando a dividir-se entre a actividade comercial do negócio familiar de materiais de construção, Redol & C.^a, em Vila Franca, a escrita e o cinema, elaborando o argumento do filme *Nazaré*, bem como os diálogos de *Vidas sem Rumo*⁶⁵, ambos realizados por Manuel Guimarães e que seriam severamente amputados pela censura. Em Agosto de 1952, anunciava ao amigo estar a terminar a primeira versão do romance, que gostaria de publicar até finais desse ano: «*Vindima de Sangue* vai agora a caminho do fim da primeira versão – designaremos deste modo o borrão do romance. Já tem muitas e muitas páginas que considero definitivas, embora outras tantas necessitem de rectificações, mudanças várias e até cesto de papéis»⁶⁶. Em meados de Novembro, ultimava a sua revisão, começando o livro a ser impresso: «Ando em revisão do 3.º volume do ciclo, contente algumas vezes, descontentíssimo noutras, embora a tipografia comece esta semana a imprimi-los. Mas até ao fim há ‘espinhos’ por arrancar, ficando ainda com a certeza de que tantos outros permanecem, como a avisar o pobre escriba que a literatura já se não pode fazer por amadorismo. / Acabo, porém, o ciclo com a impressão de que deixei nele o melhor que consegui até hoje – e lembro-me quase todos os dias, eu que sou um falhado de memória, naquilo que te prometi ao iniciá-lo. Tive vontade – sincero desejo mesmo – de subir até ao Douro e fazer uma leitura contigo e o Zé Arnaldo»⁶⁷.

A publicação iria demorar ainda alguns meses. Em Fevereiro de 1953, Redol desabafava com Tavares Teles: «Quería escrever-te já com *Vindima de Sangue* na rua, mas a tipografia trabalha em rodas de granito e não sei quando o volume chegará ao fim. Espero que chegue antes da primavera oficial»⁶⁸.

Depois do «Ciclo Port Wine» (1953-1969)

Com a publicação de *Vindima de Sangue*, Alves Redol fechou o «Ciclo Port Wine» e também o seu trabalho literário sobre o Douro. Poucos anos depois, ainda chegou a pensar em elaborar uma antologia sobre a região. Porém, em finais de 1957, confidenciava a Tavares Teles ter desistido desse projecto, já que a Bertrand iniciara, entretanto, a colecção

⁶⁴ Carta de 24 de Maio de 1951.

⁶⁵ Carta de 27 de Agosto de 1952.

⁶⁶ Idem, *ibidem*.

⁶⁷ Carta de 19 de Novembro de 1952.

⁶⁸ Carta de 6 de Fevereiro de 1953.

Antologia da Terra Portuguesa, de que sairiam nesse ano os volumes sobre as regiões do Minho⁶⁹ e de Trás-os-Montes e Alto Douro⁷⁰: «Desisti por enquanto daquele projecto de que te falei para a região do Douro, uma vez que a Bertrand começou a publicar uns volumes (saiu o *Minho*) que vão um pouco, talvez só em título, na esteira do que pensava fazer. Foi uma coincidência dos demónios, pois a minha libertação da indústria baseava-se particularmente nessa iniciativa para que tinha editor e muita esperança. Fiquei um tanto transtornado com o facto. Os dinheiros estão curtos e as despesas andam largas. Acabo de receber um convite para ir ao Japão e arrepele-me com a certeza de que os meus cabedais mal me chegam para ir a Madrid»⁷¹.

Desde a publicação de *Vindima de Sangue*, a correspondência de Redol para Tavares Teles tornou-se mais espaçada. De vez em quando, reatava-se para dar notícias de livros que iam saindo e que o escritor enviava sempre ao seu amigo do Pinhão, quando não lhos podia oferecer em mão (*Olhos de Água*, em 1954, *A Vida Mágica da Sementinha*, em 1956, *A Barca dos Sete Lemes*, em 1958, *Uma Fenda na Muralha*, em 1959, *Barranco de Cegos*, em 1961, *O Muro Branco*, em 1966, entre outros), dos problemas profissionais e familiares, da situação de amigos comuns, por vezes desabafos sobre a falta de tempo e de saúde. Redol sentia-se «apertado entre betão e contabilidades», com os problemas de gestão da sua empresa familiar de Vila Franca, que, em finais da década de cinquenta, enfrentava dificuldades crescentes, acabando por fechar. Para Redol foi um alívio, apesar dos problemas que ficaram por resolver e que se iriam arrastar por bastantes anos, até à sua morte. Numa fase de intensa produção literária, a libertação das idas e vindas para Vila Franca e da contabilidade da empresa foram-lhe providenciais.

Em breve, no início dos anos sessenta, Redol viria a dedicar-se à publicidade, na Agência xito, fundada no final da década anterior por Fernando de Almeida, que confiou a Redol as funções de director artístico. Aí trabalhavam já velhos amigos, como Alberto Ferreira, Augusto da Costa Dias e Alexandre Cabral, além de colaboradores ocasionais, como Ary dos Santos, José Saramago, Alexandre O’Neil, Luís de Sttau Monteiro, Baptista Bastos ou Cardoso Pires⁷². Apesar das excelentes relações de camaradagem que mantinha com os seus colegas de trabalho da xito e de se empenhar nas funções que aí desempenhava, o «trabalho esgotante da publicidade» parece ter sido para Redol uma experiência pouco gratificante, cada vez mais fastidiosa, que mantinha por necessidade de sobrevivência. Chegou a desabafar com Tavares Teles: «Todos os dias ponho a cabeça debaixo de um comboio que me estilhaça o cérebro e me invalida para monologar com o papel branco, mesmo que seja a dar notícias de mim a um bom e velho Amigo como tu. A publicidade é

⁶⁹ TRIGUEIROS, Luís Forjaz (Introdução, selecção e notas) – *O Minho*. Lisboa: Bertrand, [1957].

⁷⁰ CÉSAR, Amândio (Introdução, selecção e notas) – *Trás-os-Montes e Alto Douro*. Lisboa: Bertrand, [1957].

⁷¹ Carta de 27 de Novembro de 1957.

⁷² VILELA, Joana Stichini – *Lisboa, Anos 60: a vida em Lisboa nunca mais foi a mesma*. Lisboa: Dom Quixote, 2012, p. 128.

uma brutalidade. Para todos. Para quem a faz e para quem a recebe a todos os níveis da comunicação. Violenta-nos onde quer que estejamos. E aqui estou eu, consciente do papel que me cabe na máquina de vender as coisas necessárias ou fúteis, a triturar-me dia a dia para conseguir sobreviver sem outras humilhações que colidam mais fundo ainda com a minha personalidade. / A civilização mercantil compra e vende tudo. Como escapar ao cerco, se só nos fica trabalho para vender? Vendê-lo o mais dignamente possível, ou o mais caro que eles se obriguem a pagar. Até ver... Digo até ver, uma vez que o António já acabou o seu curso universitário e os meus Pais caminham para o fim. Claro que um verdadeiro escritor não deve escravizar-se a estes penduricalhos afectivos, se aceita viver para todos e não para certos que se lhe cruzam no sangue limitado da família. Talvez eu não seja um desses escritores. Aceito. / A verdade é que estou metido na engrenagem, tendo a lucidez de o perceber e a honradez de o confessar. Antes isso, penso eu, do que fingir não compreender o papel e querer justificá-lo com deambulações de carácter abstracto, só para enganar os bem-intencionados»⁷³.

Nesses anos cinquenta e sessenta, a vida profissional de Alves Redol, entre o betão e a publicidade, sem abandonar a actividade de escritor, com refúgios mais ou menos longos na aldeia de Freixial, deixava-lhe pouco tempo para regressar ao Douro distante. Entre a publicação de *Vindima de Sangue*, em 1953, e o fim precoce da sua vida, em 1969, a relação intensa que manteve com o Douro, se não se diluiu, não dispôs também de condições para se renovar. Quando podia, Redol acedia à insistência de Tavares Teles ou outros amigos para uma visita, mas os afazeres, as vicissitudes da vida profissional e familiar e novos projectos literários faziam espaçar o seu regresso. Como escreveu em Julho de 1953: «À espera desde Março de poder subir ao Alto Douro, fiquei sem te dar notícias e de me ter por umas horas mais perto de ti e dos teus. A realidade, porém, força-me a perceber que além de muita outra coisa que hoje me falta, perdi também a "pequena liberdade" de me deslocar até à Régua e ao Pinhão de vez em quando»⁷⁴. Não deixaria, porém, de dar um salto ao Pinhão, de longe a longe, para visitar Francisco Tavares Teles e a sua família, ou o jovem médico Luís Roseira, que casara com Marta Cristina de Araújo, uma velha amiga de Redol, que trocara Lisboa pelo Douro, no início dos anos cinquenta. Ou até à Régua, a casa de José Arnaldo Monteiro e Albertina, ponto de encontro com esses e outros amigos. A correspondência para Tavares Teles deixa perceber que, entre 1953 e 1969, Redol terá voltado ao Douro algumas vezes. Pelo menos, em Novembro de 1955 e pelas vindimas de 1957⁷⁵. Desde o início da década de sessenta, outras circunstâncias da vida pessoal e familiar contribuíram para um maior afastamento entre Redol e o seu círculo de amigos durienses mais íntimos. Marta e Luís Roseira separaram-se na Primavera de 1962, passando ambos a viver no Porto. Entre finais de 1963

⁷³ Carta de 30 de Abril de 1968.

⁷⁴ Carta de 31 de Julho de 1953.

⁷⁵ Cartas de 18 de Novembro de 1955, de 3 de Setembro e de 27 de Novembro de 1957.

e inícios de 1964, também Redol se separaria da «mulher da sua vida», Natália. E, logo a seguir, ainda relativamente jovem, falecia José Arnaldo Monteiro, o seu grande amigo da Régua, deixando um irreparável e «terrível vazio».

Depois disso, Redol distanciou-se do Douro. As suas cartas para Tavares Teles referem-se apenas a uma «ida ao Norte», em 1966, e a uma estadia em casa de Marta Cristina de Araújo («saio hoje de casa e deito ao Porto para casa da Marta»), em Maio de 1969⁷⁶. Nessa altura, a médica que tratava Redol, Julieta Gandra, telefonou a Marta, para preparar a estadia do escritor no Porto durante algumas semanas. Prescreveu uma dieta rigorosa, compatível com as débeis condições de saúde de Redol, que sofria de um carcinoma no fígado. Marta cedeu-lhe o seu quarto, no apartamento em que vivia com os seus filhos João Luís, Pedro e José Alexandre, e seguiu à risca as indicações médicas. Redol sentia-se melhorar. Dava longos passeios pela Foz, visitava amigos, nada parecia indicar a despedida. No entanto, essa estadia no Porto foi encurtada pela notícia de um acidente que o pai de Redol sofrera, caindo de uma escada⁷⁷.

Antes de Setembro, não sabemos precisar quando e em que circunstâncias, Redol voltaria ainda ao Norte, a Porto Manso, onde iniciara a sua relação com o Douro. Era já uma despedida. A última carta a Tavares Teles, em Setembro de 1969, evocava essa visita, em jeito de *post scriptum*: «Fui a Porto Manso e estive na Casa do Cabo. Bons tempos!»⁷⁸.

Critérios de transcrição

Na transcrição da correspondência de Alves Redol para Francisco Tavares Teles, respeitámos a ortografia seguida pelo escritor, à excepção de algumas raras palavras traídas pelo correr da escrita no original ou seguindo regras ortográficas mais antigas (como «precalço», «presado», «cortezia», «inhospita», «mixto», etc.). Uniformizámos também a acentuação de diversas palavras, que ora apareciam acentuadas de diversas formas (como «ácerca» e «acêrca») ora apareciam acentuadas de acordo com a ortografia antiga, (como «agüenta», «gôsto», «êsse», «fôr», «azêdo», etc.) ora desprovidas de acentuação (como «correspondencia», «automovel», «silencio», etc.).

Respeitou-se a pontuação do original, excepto em raras situações em que a mesma aparecia claramente desajustada (por exemplo, vírgulas entre sujeito e predicado ou quatro por três pontos em reticências).

Uniformizámos, independentemente da forma como apareciam no original, ora entre aspas ora sublinhados, todos os títulos de livros e de órgãos da imprensa periódica, colocando-os em itálico. Igualmente colocámos em itálico as palavras estrangeiras. Substituí-

⁷⁶ Cartas de 19 de Junho de 1966 e de 22 de Maio de 1969.

⁷⁷ Informação de Marta Cristina de Araújo.

⁷⁸ Carta de 19 de Setembro de 1969.

mos também todas as palavras sublinhadas por palavras em itálico. E usámos ainda o itálico para distinguir a assinatura do escritor em toda a correspondência.

Alves Redol raramente utiliza abreviaturas. Nos casos em que tal acontece, procedemos ao seu desdobramento, para facilitar a leitura.

Mais complexo foi o estabelecimento da data e do lugar de emissão das cartas. À excepção de um caso, todas as unidades de correspondência transcritas não foram datadas por Alves Redol. A datação foi aposta, *a posteriori*, provavelmente por Francisco Tavares Teles, aparecendo manuscrita no topo ou na base das cartas. No entanto, essa datação refere-se, na maior parte dos casos, à data da recepção. Felizmente, à excepção de três casos, todas as cartas foram guardadas com os respectivos envelopes, permitindo datá-las e localizar a sua emissão a partir do carimbo do correio emissor. Em alguns casos, como se assinala nas respectivas notas, houve dificuldades de leitura do carimbo de emissão, por este estar apagado ou manchado. À excepção da única carta em que o local e a data fazem parte do original, tal como ele saiu das mãos de Redol, em todas as outras colocámos esses dados entre parêntesis rectos.

Agradecimentos

Esta publicação da correspondência de Alves Redol para Francisco Tavares Teles resultou da colaboração frutuosa entre o CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço & Memória», a Direcção Regional da Cultura do Norte e as Edições Afrontamento, que asseguraram a sua co-edição. O projecto inicial, que nos foi proposto por João Luís Sequeira, da Direcção Regional da Cultura do Norte, pôde, assim, concretizar-se. No entanto, não teria sido possível sem o envolvimento afectivo e cúmplice de um conjunto de pessoas que guardam a memória de Alves Redol e de Francisco Tavares Teles. A começar pelos seus filhos, António Mota Redol e António Tavares Teles e Manuel Tavares Teles, que aceitaram não só ceder as cópias das cartas para publicação como colaborar com os seus testemunhos e com informações que ajudam a desvendar o significado de muitas passagens, que o carácter lacónico da narrativa epistolar torna mais ou menos herméticas para o leitor comum. Aqui e ali, foram preciosas as informações de Marta Cristina de Araújo, grande amiga de Alves Redol, e de Maria da Luz Magalhães, sobrinha de José Arnaldo Monteiro e sua mulher Albertina. Devemos também um agradecimento especial ao Museu do Neo-Realismo, pela digitalização das cartas de Alves Redol, o que facilitou o trabalho de transcrição, cuidadosamente realizado por Maria Inês Nemésio, investigadora do CITCEM. A revisão final para publicação beneficiou ainda da reconhecida competência da Paula Montes Leal, secretária e investigadora do CITCEM.